

Resenha do livro “Se você finge que ensina, eu finjo que aprendo”

Educação, tema em constante movimento, mesmo que em torno de si mesmo.

Ao ler este livro tem-se a sensação de que ele acaba de sair do forno, mas ao atentar-se para a data de sua publicação vemos que o autor o escreveu há 21 anos.

Porque então, tantas semelhanças entre o sistema de educação de 21 anos atrás, com o que nos é apresentado hoje?

Porque a abordagem primordial do autor que é a “Pedagogia do Fingimento” não foi superada, ultrapassada, vencida, ao contrario: atualizou-se!

Esta “pedagogia” aflige o Brasil em diversos âmbitos: político, social, econômico.

Ao olharmos essas manifestações de protestos que percorrem o país, vemos a pedagogia do fingimento se esfregando na cara do povo, e o povo fingindo não ver, fingindo não entender! Uma multidão marchando contra a PEC 37, sem nem ao menos saber o que ela significa.

“E agora José??”; *“Vem vamos embora que esperar não é saber, quem sabe faz a hora, não espera acontecer”*. (Geraldo Vandré)

Ao se gastar milhões, para sediar a copa do mundo, tirando receitas de setores essenciais para a sociedade, como saúde pública e educação, instala-se a P.D.F. (pedagogia do fingimento), e alguém está rindo na cara do povo.

Postos de saúde sem médicos?? Exames sendo marcados sem data de previsão para serem realizados?? Piada??

E os preparativos para a Copa???

Vão bem, obrigado!!

Fingindo ensinar, aprender, trabalhar e pagar”

O autor tem uma ideia central. A teoria do fingimento que envolve a classe educacional do país.

O que isso traz de consequência para o meio social?

Educação é a base da sociedade, é a base da cidadania, é à base da família.

Parafraseando Roberto Freire, que diz que “Sem tesão não há solução”, Sem educação, não há solução.

Logo: Se a educação é um fingimento, uma farsa fica a pergunta:

Somos?? Fazemos?? Existimos?? Ou fingimos??

Werneck disserta sobre o fingir. Fingir ensinar; aprender; trabalhar e pagar. É como se tudo fosse um grande jogo. Monta-se o tabuleiro, o jogo dos interesses começa.

Professores fingem ensinar, fingem trabalhar, alunos fingem aprender, e o Governo finge pagar pelos serviços que fingidamente foram prestados. Os alunos no final do jogo ganham um diploma, como recompensa por fingirem ter aprendido o que não lhes foi ensinado. Que maravilha!!!

O autor dá a isso o nome de “tapeação em cadeia”.

Que círculo vicioso maldito. Será este um dos motivos que fazem de um livro escrito há 21 anos, ser atual? A invencibilidade do círculo vicioso da Pedagogia do fingimento.

Isso afeta toda a sociedade brasileira, que por sua vez, finge viver bem, finge ser feliz. Uma sociedade inteira que se acomodou, acostumou-se a fingir.

A terra do carnaval e do futebol, *“país tropical, abençoado por Deus, e bonito por natureza”*. (Jorge Bem Jor)

“Fingindo educar os filhos”

O autor continua sua dissertação entrando um pouco na intimidade das pessoas. Toca no “orgulho” da maioria dos pais. A educação dos filhos.

Com o jargão conhecido e muito usado por grande parte dos pais: “quero dar ao meu filho o que eu não tive”, instala-se a pedagogia do fingimento, no cerne da educação. A família!

Pais precisam entender que o “Não” faz parte de uma educação saudável, tanto ou mais que o “Sim”. Nossas crianças e adolescentes precisam de limites, (não nos cartões de crédito, e nos celulares).

Werneck diz: “Nós somos frutos de uma força histórica dentro do Brasil a retratar mais de quinhentos anos de colonização portuguesa, onde o comércio foi sempre considerado uma coisa de segunda categoria e o trabalho uma função de escravos”.

Partindo dessa ideia o autor afirma que: “Assimilamos tudo isso e somos avessos ao trabalho”.

Sendo assim a maioria dos pais, principalmente da classe média, fingindo (iludindo-se) dar a melhor educação aos filhos, desestimulam os mesmos aos

trabalhos corriqueiros do dia a dia (como lavar um carro, uma louça, guardar suas coisas, colocar a roupa suja no cesto) isso estimularia a responsabilidade.

Ao contrário os super pais, passam a dar as famosas “mesadas”, para que os filhos apenas “estudem”.

Esquecem-se assim, muitas vezes de ensinar princípios cruciais para a educação do “Ser”.

”Fingindo ser imparcial”

Segundo, temos um campo mais político por assim dizer, “fingindo ser imparcial”.

Segundo Paulo Freire, política e educação, não podem ser dicotomizadas. Fato.

Mas... o que temos nas escolas está fora dessa verdade. Segundo o autor tem-se instalado dentro das escolas a Pedagogia do Fingimento.

A escola deveria ser o lugar onde crianças, adolescentes e jovens, pudessem entrar em contado com a política do país, a democracia! Entrar em contato com as leis que regem o país, para desde cedo entenderem e aprenderem quais são os seus direitos e deveres. Tomar consciência do conteúdo da nossa constituição, tão elogiada mundo afora, e tão desconhecida dentro da própria casa.

Será que isso teria alguma coisa haver com a formação do cidadão?

Caberia à escola, reverter à situação educacional política, e mudar o estigma de que uma das melhores constituições já escrita, não passa de “Letras Mortas”.

Porém, a escola é prisioneira do governo, em pleno exercício da democracia.

Se sujeita a praticar a P.D.F. agradando assim a classe dominante. Coloca-se na posição de “Fingidamente imparcial”.

Temos um número exagerado de professores bochechudos, que por não ousarem, aceitam ficar com suas bocas cheias de sapos, incomodados com as pernas que lhes tocam os narizes, mas... Incapazes de reagir. Por quê??

Acostumaram-se a fingir.

“O fingimento sociopolítico de “fazer a cabeça” dos alunos”

Há muito se perdeu na educação o papel sociopolítico da escola, se é que um dia já se tenha alcançado isso no Brasil.

Escolas, com material didático cedido gentilmente pelo governo, para que seja ministrado aos alunos, é um ultraje à capacidade de instrução dos professores, que passam anos estudando se preparando, para poder transmitir conhecimento.

Seria interessante se o governo oferecesse cursinhos para as formações de seus professores, sem que estes tivessem que se esforçar tanto em seus cursos superiores. Afinal, marionetes, só precisam de linhas amarradas em bastonetes.

Werneck menciona: “A educação para a liberdade passará sempre pela responsabilidade, entendendo-se claramente responsabilidade como meio importante de socialização e melhoria da consciência humana. A responsabilidade, quando chamada, para substituir os arbítrios anteriores, não tem sentido e será sempre tão condenável, quanto qualquer autoritarismo”.

“Fingindo ser político sério”

Este capítulo recebe um subtítulo muito interessante: “Falta de vergonha ou de responsabilidade?”

Há tanto tempo a escola se sujeita a “ensinar” a politicagem barata conforme a classe dominante que assume o poder, que já se perdeu o fio da meada, perdeu-se o foco. Perdeu-se a vergonha. Qual a identidade da escola brasileira?

Segundo o autor, é difícil saber.

A esta altura, quem é irresponsável? Quem é que tem menos vergonha na cara? Os alunos, que não valorizam sua oportunidade de estudar? Que não valorizam o dinheiro dos pais que muitas vezes pagam por seus estudos? Os deputados e senadores que recebem dinheiro do povo, por serviços não cumpridos?

“Nas favelas, no Senado sujeira pra todo lado ninguém respeita a Constituição, mas todos acreditam no futuro da nação. Que país é esse?” (Renato Russo)

A única coisa certa, é que a escola, que deveria ser responsável pela educação de todos, está doente, precisando desesperadamente de mudanças.

Foi dessa escola que saíram os políticos de hoje, eles foram os estudantes de ontem.

Ou seja, precisamos de reforma, precisamos de conserto na raiz, para que a escola possa desempenhar seu papel e ajudar na formação de cidadãos críticos, que possam escolher bem seus representantes, bem como esses possam representa-los com responsabilidade, liberdade, e dignidade.

A escola precisa sair dessa posição de “pau mandado” do governo, para que os alunos possam se abrir para novos horizontes, para que possam “evoluir” de fingidos, a seres pensantes, cidadãos críticos e politizados, tornando-se capazes de saber o que querem, até mesmo dentro das escolas.

“Avaliação fingida”

Dentro de todo este contexto, o professor vai ter, em determinado momento, que avaliar seus alunos. Como fazer isso?

Se o educador for um educador dominado pela pedagogia do fingimento, certamente será aplicada a sua turma, uma “prova” para avaliar o que os seus fingidos alunos assimilaram através da “decoreba”, ***Segundo Rubem Alves, em seu livro “Ao professor, com o meu carinho”, muitos idiotas tem boa memória.***

Obviamente, não se tratará de uma avaliação de conteúdo, até porque provavelmente isso não aconteceu. Será uma avaliação superficial. A famosa: “para inglês ver”.

Porém, se o educador ainda presa seus anos de estudo, se ainda acredita que a educação pode mudar o mundo, se conseguiu se desvencilhar das amarras democráticas que “orientam” a educação no nosso país, ele avaliará seus alunos de forma individual, não apenas através de uma “prova” com data pré-estabelecida, onde a maioria dos alunos estuda elaborando cuidadosamente suas fontes de consulta, mais conhecidas como “colas”.

Esse educador fará, através de métodos próprios, sua avaliação durante todo o curso. O que resultará numa avaliação qualitativa do aluno, e não apenas quantitativa.

Werneck relata nas páginas 42 e 43, uma fábula muito interessante que explica muito bem a questão de quantidade e qualidade.

“Fingindo sanidade”

Neste capítulo, Werneck viaja à “terra encantada da Imbecilândia”, onde todos os profissionais e seus habitantes em geral, demonstram inconformidade quando as coisas dão certo. Há um espírito de desconfiança incutido em cada um.

A terra é fictícia, claro. Mas infelizmente o contexto é real. O autor traz fatos de sua vivência no magistério, de alunos desconfiados de seus professores por quererem vê-los aprovados nas melhores faculdades.

Tomo a liberdade de compartilhar uma experiência vivida recentemente. No curso de Pedagogia que estou fazendo, em pleno ano de 2013, alguns alunos foram agraciados e tiveram seus textos escolhidos por um dos professores de Psicologia, para serem analisados para uma possível publicação. Fiquei extremamente lisonjeada por estar entre este pequeno grupo, porém um de meus colegas procurou o coordenador do curso, para saber o que o professor ganharia com isso.

Fica a pergunta: “Imbecilândia”??? Existe???

“Fingindo ser mestres”

O Autor fala sobre uma realidade que existe até hoje no meio docente. Os baixos salários da maioria dos professores gera desânimo, insatisfação. Mas... Acomodados, por vezes acuados pelo sistema e desprovidos de audácia, fingem ser mestres, fingem ensinar.

A fala de Werneck diz por si só:

“Aos mestres não é preciso dizer sobre o início da nova batalha. Importante seria que refletissem sobre as duas imagens propostas, para que cada um pudesse optar por ser mais um garimpeiro neste espaço geográfico de nossa educação, cheio de urubus.”

“Fingindo ser Pedagogo.”

Até quando se constatarão as deficiências do sistema educacional? Há 21 anos Werneck já fez isso, e antes dele muitos outros.

Será que estamos tentando ser especialistas em detectar problemas? Será que não somos capazes de propor soluções e colocá-las em prática?

Tantos novos pedagogos em formação, para que? Para verificar e constatar o que já foi verificado e constatado? Para engordar a massa de urubus insatisfeitos com os campos verdes, esperando carnes podres para se saciarem?

A educação democrática progressista, precisa de Pedagogos ousados, destemidos e determinados, para fazer da escola um lugar voltado para a formação de alunos que pensem, alunos que saibam fazer suas escolhas, que entendam o que é Democracia, e entendendo, vivenciem-na.

Para isso, é necessário que as escolas tenham em seu corpo docente professores apaixonados por educação. Dispostos e abertos a solucionar dúvidas. Comprometidos com os alunos, ao ponto de não expor ao ridículo, como é comum

em muitas salas de aula. Professores democratas, apaixonados, entusiasmados, contagiante!

“Dicionário, o que não finge”, capítulo dedicado à valorização desta ferramenta indispensável, a professores e alunos.

Finalmente venceu-se o pré-conceito e descobriu-se que: Não se trata de “pai dos burros” e sim de “um amigo fiel”.

“Ideologia Fingida”. O Autor trata do assunto sem a pretensão de profundidade, mas traz uma visão interessante e bem humorada sobre os socialistas brasileiros.

Diria que mais parece um balaio de gatos. Porque fica bem evidente, que na maioria das vezes, os socialistas em questão, não têm certeza, não tem convicção daquilo que se prega!

Logo, há no ser, frustração, porque suas “supostas convicções” não tem raiz!

O que isso interfere na educação? Professores desprovidos de convicções, podem sim influenciar seus alunos, tornando-os vulneráveis, inconstantes.

Como diz o autor: *“Ser professor é coisa muito séria. Não podemos confundir esclarecer com o “fazer a cabeça” no sentido que nos interessa, não nos cabe como mestres direcionar os pensamentos, educar não pode ter a conotação de domesticar. Mas infelizmente, os deslumbramentos do primeiro momento da abertura brasileira estão sendo empanados pelas decepções, desilusões, desesperos e demências de muitos, agora completamente sem rumo.*

Que educação é esta? Para que e para quem? Para onde?”

(insisto... isso foi escrito há 21 anos).

“Fingindo ser forte”. Werneck faz uma reflexão sobre os atletas que “por seu país” renegam suas próprias vidas.

A escola, deve sim incentivar o esporte, mas fica a dúvida: Até que ponto?

“Fingindo não ver”. Profeticamente o autor faz um apelo:

“Se há neste país, aprendiz eterno de democracia, algum problema premente que deverá ser encarado pela classe política e empresarial no próximo governo, será o da educação a nível profundo da população. Educação dos pais para uma paternidade responsável e educação através de multimeios desta escola gigante, sem precedentes em

nossa história, grande peso para a nação, mas, se não for encarada de frente, o peso de hoje será uma carga astronômica que esmagará o país do Chuí ao Amazonas, num amanhã bem próximo.”

Em outras palavras, “acordem” governantes, façam alguma coisa! Olhem para as ruas, vejam a miséria, parem de fingir cegueira, ou serão consumidos por suas próprias criações.

“Fingindo ter peso” Que cada educador se empenhe em “SER” educador. Buscando com seu testemunho de vida, fazer diferença para seus educandos. Quer ser lembrado?, Quer ser citado? Faça por onde. *Não viva para que a sua presença seja notada, mas para que a sua falta seja sentida...(Bob Marley).*

O país precisa urgente de educadores de fato. Para isso é preciso parar de fingir e ter coragem para entrar em sua sala de aula disposto a fazer diferença na vida de seus alunos. Isso exige do professor uma vida autêntica, caso o contrário jamais conseguirá mudar nada. Muitos se preocupam em impressionar A ou B, e se esquecem da essência de sua vocação.

“Ocupação fingida do espaço”. Muitas carteiras que se encontram “vazias” nas salas de aula, tem aluno matriculado “sentando” nela, tirando o lugar de quem gostaria de estudar e não pode.

Algo tem que ser feito a respeito.

“Fingindo ter confiança”. Dentro de tanto fingimento, ainda há destaque para a confiança depositada pela família na escola.

Confiança esta que não existe de fato, talvez porque muitas famílias repassem para a escola uma responsabilidade que lhe pertença. Há em muitas famílias um “relaxo” na educação no lar, por acharem que basta matricular seus filhos na escola e que esta se incumbirá do resto.

O que não é verdade, pois não cabe à escola substituir os pais, a educação se dá dentro de casa.

“Consequências do fingimento”, o autor, chega a este capítulo trazendo um poema, que tem o título “Quem não come não aprende na escola”.

Triste realidade que persiste até nossos dias, muitas crianças abandonadas ao descaso, desse país que gasta milhões para sediar a copa do mundo. Será que teremos bastante espaço para esconder do mundo essas crianças abandonadas? Ou será que elas farão parte da decoração? Talvez o governo consiga confeccionar camisetas do Brasil para todas elas, assim as ruas ficarão lindas e o Brasil, mostrará sua decadência em rede mundial uniformizada!

Brasil! Mostra a tua cara, quero ver quem paga pra gente ficar assim

Brasil! Qual é o teu negócio? O nome do teu sócio? Confia em mim! (Cazuza)

Bibliografia

Livro:

WERNECK,Hamilton. Se você finge que ensina, eu finjo que aprendo, Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.